



MOVIMENTOS SOCIAIS DIGITAIS E DESIGUALDADES NA SOCIEDADE EM REDE

DIGITAL SOCIAL MOVEMENTS AND INEQUALITIES IN THE NETWORK SOCIETY

Maurício Nunes Fernandes – Faculdade IBRA

Cleiton Reisdorfer Silva – Instituto Federal Farroupilha

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as transformações sociais ocorridas na era digital, com ênfase nas novas formas de desigualdade e no papel dos movimentos sociais digitais no contexto da globalização e do neoliberalismo. Inicialmente, aborda-se a transição para a sociedade em rede, fundamentada nas teorias de Manuel Castells, explorando como as tecnologias digitais reconfiguram as interações sociais, econômicas e culturais. Em seguida, discute-se o conceito de desigualdades digitais e exclusão social, com base nos estudos de Jan van Dijk e Mark Warschauer, destacando como o acesso desigual às tecnologias da informação reforça as desigualdades sociais existentes. A pesquisa investiga também o surgimento dos movimentos sociais digitais e o ativismo em rede, analisando suas dinâmicas e estratégias à luz das contribuições de Zeynep Tufekci e Manuel Castells. São examinados casos emblemáticos como o movimento #MeToo e o Black Lives Matter, evidenciando o impacto das tecnologias digitais na mobilização social e na promoção de mudanças. Por fim, discute-se o impacto do neoliberalismo e da globalização nas estruturas sociais contemporâneas, incluindo a precarização do trabalho e as crises econômicas recentes, fundamentando-se nas teorias de David Harvey e Saskia Sassen. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, baseada em uma revisão bibliográfica crítica das principais teorias sociológicas relacionadas ao tema. Os resultados apontam para a necessidade de compreender a complexidade das dinâmicas sociais na era digital e reconhecem a importância dos movimentos sociais digitais na luta contra as novas formas de desigualdade. Conclui-se que a sociologia desempenha um papel fundamental na análise e compreensão dos fenômenos sociais contemporâneos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva na era da globalização e das tecnologias digitais.

Palavras-chave: Era digital, Movimentos sociais digitais, Globalização, Neoliberalismo, Desigualdades.

ABSTRACT

This work aims to analyze the social transformations occurring in the digital age, with an emphasis on new forms of inequality and the role of digital social movements in the context of globalization and neoliberalism. Initially, it addresses the transition to the network society, based on Manuel Castells' theories, exploring how digital technologies reconfigure social, economic, and cultural interactions. Next, it discusses the concept of digital inequalities and social exclusion, drawing on studies by Jan van Dijk and Mark Warschauer, highlighting how unequal access to information technologies reinforces existing social inequalities. The research also investigates the emergence of digital social movements and networked activism, analyzing their dynamics and strategies in light of contributions from Zeynep Tufekci and Manuel Castells. Emblematic cases such as the #MeToo movement and Black Lives Matter are examined, evidencing the impact of digital technologies on social mobilization and the promotion of change. Finally, it discusses the impact of neoliberalism and globalization on contemporary social structures, including the precariousness of work and recent economic crises, grounding the discussion in the theories of David Harvey and Saskia Sassen. The methodology adopted is qualitative in nature, based on a critical literature review of the main sociological theories related to the theme. The results point to the need to understand the complexity of social dynamics in the digital age and recognize the importance of digital social movements in combating new forms of inequality. It is concluded that sociology plays a fundamental role in analyzing and understanding contemporary social phenomena, contributing to the construction of a more just and inclusive society in the era of globalization and digital technologies.

Keywords: Digital era, Digital social movements, Globalization, Neoliberalism, Inequalities.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea tem experimentado transformações profundas impulsionadas pelo avanço das tecnologias digitais e pela expansão da internet. A emergência da sociedade em rede, como descrita por Manuel Castells, redefiniu as formas de comunicação, interação social e organização econômica, criando novas dinâmicas que afetam diretamente a vida dos indivíduos e das comunidades. Nesse contexto, as relações

sociais são mediadas por plataformas digitais, e a informação circula em escala global e em tempo real, alterando significativamente os processos sociais tradicionais.

Apesar das oportunidades proporcionadas pelas tecnologias digitais, como o acesso ampliado à informação e a possibilidade de conexão entre pessoas de diferentes partes do mundo, elas também intensificaram desigualdades existentes e geraram novas formas de exclusão social. O fenômeno da desigualdade digital, discutido por autores como Jan van Dijk e Mark Warschauer, evidencia que o acesso desigual às tecnologias da informação e comunicação reflete e reforça disparidades socioeconômicas, limitando a participação plena de determinados grupos na esfera digital e, por conseguinte, na sociedade em geral.

Paralelamente, os movimentos sociais têm se adaptado ao cenário digital, utilizando as redes sociais e outras plataformas online para mobilização, organização e disseminação de suas causas. Movimentos como o #MeToo e o Black Lives Matter exemplificam como o ativismo em rede pode amplificar vozes marginalizadas, influenciar agendas políticas e promover mudanças sociais significativas. A análise dessas novas formas de mobilização é essencial para compreender o papel dos movimentos sociais digitais na promoção de justiça e equidade na era da globalização e do neoliberalismo.

Este trabalho tem como objetivo examinar as novas formas de desigualdade e o impacto dos movimentos sociais digitais na sociedade em rede. Para isso, fundamenta-se nas teorias de autores como Manuel Castells, Zeynep Tufekci, David Harvey e Saskia Sassen, buscando entender como as tecnologias digitais reconfiguram as interações sociais e econômicas e como o neoliberalismo influencia esses processos. A pesquisa pretende identificar os desafios e as oportunidades que emergem nesse contexto, contribuindo para o debate acadêmico sobre as dinâmicas sociais na era digital.

A metodologia adotada é de natureza qualitativa, baseada em uma revisão bibliográfica crítica das principais teorias sociológicas relacionadas ao tema. Foram selecionadas obras e artigos acadêmicos que abordam a sociedade em rede, desigualdades digitais, movimentos sociais digitais e os impactos da globalização e do neoliberalismo nas estruturas sociais contemporâneas. Através da análise e interpretação desses referenciais teóricos, busca-se correlacionar os conceitos apresentados com os fenômenos sociais atuais, oferecendo insights que possam auxiliar na compreensão e na promoção de uma sociedade mais justa e inclusiva na era digital.

2 REVISÃO TEÓRICA

Para fundamentar a análise das transformações sociais na era digital, é essencial explorar as principais teorias e conceitos que elucidam a dinâmica da sociedade em rede, as desigualdades digitais, os movimentos sociais digitais e os impactos do neoliberalismo e da globalização nas estruturas sociais contemporâneas. A revisão teórica a seguir examinará as contribuições de autores como Manuel Castells, Jan van Dijk, Mark Warschauer, Zeynep Tufekci, David Harvey e Saskia Sassen, proporcionando um embasamento sólido para compreender os fenômenos sociais atuais e as novas configurações das relações sociais, econômicas e culturais na era digital.

2.1 A SOCIEDADE EM REDE E A ERA DIGITAL

A transição para a sociedade em rede representa uma das mudanças mais significativas nas estruturas sociais, econômicas e culturais da era contemporânea. Manuel Castells, em sua obra “A Sociedade em Rede”, analisa profundamente esse fenômeno, destacando o papel central das tecnologias de informação e comunicação na reconfiguração das interações humanas. Ele argumenta que a revolução tecnológica não apenas transformou os meios de comunicação, mas também alterou a base material da sociedade, influenciando modos de produção, relações de poder e manifestações culturais.

Castells propõe que a sociedade em rede é caracterizada por uma nova morfologia social, onde as redes digitais se tornam a estrutura básica da organização social. Essa configuração possibilita a circulação instantânea de informações em escala global, conectando pessoas, instituições e mercados de forma inédita. A internet, nesse contexto, emerge como uma infraestrutura essencial que sustenta essas redes e permite a interconectividade global.

A reorganização das relações sociais é evidenciada na forma como as interações passam a ocorrer mediadas por tecnologias digitais. As comunidades virtuais e as redes sociais online permitem que indivíduos compartilhem interesses, formem identidades coletivas e participem de atividades colaborativas, independentemente de limitações geográficas. Essa dinâmica amplia as possibilidades de participação social, mas tam-

bém apresenta desafios relacionados à coesão social e à fragmentação de públicos.

No âmbito econômico, a sociedade em rede influencia profundamente os processos produtivos e as estruturas de mercado. A economia informacional, como denomina Castells, baseia-se no uso intensivo de conhecimento e informação como principais recursos produtivos. As empresas reestruturam-se em redes flexíveis e descentralizadas, buscando maior eficiência e capacidade de inovação. Essa transformação econômica também impacta as relações de trabalho, com a emergência de novas formas de emprego e a necessidade de habilidades digitais.

Culturalmente, a era digital promove a disseminação e a interação entre diferentes valores, práticas e símbolos. A globalização das comunicações facilita o intercâmbio cultural, mas também levanta questões sobre hegemonia cultural e preservação de identidades locais. A produção cultural torna-se mais participativa, com os indivíduos assumindo papéis ativos como produtores e disseminadores de conteúdo.

Entretanto, Castells alerta para os desafios associados à exclusão digital. Nem todos os indivíduos e comunidades têm acesso equitativo às tecnologias da informação, o que pode intensificar desigualdades sociais existentes. A inclusão ou exclusão na sociedade em rede torna-se um fator determinante para a participação plena na vida econômica, social e cultural. Portanto, compreender os impactos das tecnologias digitais requer uma análise que considere tanto as oportunidades quanto as limitações impostas por essa nova estrutura social.

Em resumo, as teorias de Manuel Castells sobre a sociedade em rede oferecem uma base sólida para entender as profundas transformações ocorridas na era digital. A influência da internet na reorganização das relações sociais, econômicas e culturais destaca a necessidade de estudos que abordem os desafios e as implicações dessa transição, visando promover uma integração mais justa e inclusiva na sociedade contemporânea.

2.2 DESIGUALDADES DIGITAIS E EXCLUSÃO SOCIAL

A expansão das tecnologias da informação e comunicação (TIC) tem provocado transformações profundas nas sociedades contemporâneas. No entanto, esse avanço não é distribuído de forma equitativa, resultando em desigualdades digitais que reforçam e ampliam as disparidades sociais existentes. A inclusão e a exclusão digital emergem como conceitos centrais para compreender como o acesso desigual às TIC influencia o capital social, econômico e cultural dos indivíduos.

Jan van Dijk (2005) propõe uma abordagem multifacetada para entender a exclusão digital, enfatizando que ela não se limita apenas à falta de acesso físico às tecnologias, mas também inclui aspectos relacionados às habilidades, ao uso significativo e à participação plena na sociedade da informação. Ele identifica quatro tipos de barreiras que contribuem para a exclusão digital: falta de motivação, falta de acesso físico, falta de habilidades e falta de uso significativo. Van Dijk argumenta que essas barreiras estão interligadas e que a exclusão digital é tanto causa quanto consequência de outras formas de exclusão social, criando um ciclo vicioso que dificulta a mobilidade social. Segundo van Dijk:

A exclusão digital não é apenas um problema de acesso físico às tecnologias da informação e comunicação, mas também envolve a falta de habilidades digitais adequadas para usar essas tecnologias de forma eficaz. Além disso, mesmo quando as pessoas possuem acesso e habilidades, podem não usar as tecnologias de maneira que contribua para seu bem-estar social e econômico (VAN DIJK, 2005, p. 10).

Essa perspectiva destaca que indivíduos com menor nível educacional, renda mais baixa ou pertencentes a grupos marginalizados tendem a enfrentar maiores obstáculos no acesso e uso das TIC, limitando suas oportunidades de educação, emprego e participação cívica.

Mark Warschauer (2003) complementa essa visão ao enfatizar que a simples disponibilização de equipamentos e infraestrutura tecnológica não é suficiente para superar a divisão digital. Ele argumenta que:

Superar a divisão digital requer mais do que apenas fornecer computadores e conexões de internet. É necessário considerar o contexto social, econômico e cultural em que as pessoas vivem. A tecnologia por si só não conduz à inclusão social; é o uso significativo dessa tecnologia, em conjunto com recursos humanos e sociais, que permite que as pessoas melhorem suas vidas (WARSCHAUER, 2003, p. 46).

Essa perspectiva ressalta a importância de abordar a inclusão digital de forma holística, reconhecendo que fatores estruturais e contextuais influenciam nas capacidades dos indivíduos de utilizar efetivamente as

TIC para promover melhorias em suas vidas. Warschauer sugere que simplesmente fornecer infraestrutura tecnológica não é suficiente, pois as pessoas podem não possuir as habilidades necessárias, a alfabetização digital ou o suporte social para aproveitar plenamente os recursos disponíveis. Ao reconhecer que a tecnologia é uma ferramenta e não um fim em si mesma, abre-se espaço para promover iniciativas que realmente capacitem as pessoas e contribuam para a redução das desigualdades sociais.

A exclusão digital é um fenômeno que ocorre quando indivíduos ou grupos têm acesso limitado ou inexistente às tecnologias da informação e comunicação (TIC), seja por falta de infraestrutura, habilidades digitais ou recursos socioeconômicos. Essa exclusão não apenas impede o acesso a informações e serviços essenciais, mas também reforça as desigualdades sociais existentes, limitando oportunidades de educação, emprego e participação cívica. Portanto, a exclusão digital é um desafio complexo que vai além da simples ausência de tecnologia, envolvendo fatores sociais, econômicos e culturais que requerem abordagens integradas para promover a inclusão e a equidade na sociedade contemporânea. Neste sentido, Van Dijk ressalta:

As desigualdades digitais refletem e amplificam as desigualdades sociais existentes. Indivíduos com menor nível educacional, renda mais baixa ou pertencentes a grupos marginalizados tendem a ter menos acesso e habilidades para usar as TIC, o que, por sua vez, limita suas oportunidades de educação, emprego e participação cívica (VAN DIJK, 2005, p. 27).

Essa situação cria um ciclo de exclusão, perpetuando as disparidades socioeconômicas através da interconexão entre as desigualdades digitais e as desigualdades sociais já existentes. Essa dinâmica cria um ciclo vicioso de exclusão, onde aqueles que já enfrentam desvantagens estruturais são ainda mais marginalizados pela falta de acesso e habilidades digitais. Por exemplo, a ausência de competências digitais pode impedir indivíduos de buscar empregos online, acessar recursos educacionais ou participar de debates políticos nas redes sociais, aprofundando a exclusão social e econômica. Assim, as desigualdades digitais não apenas refletem as disparidades sociais existentes, mas também as intensificam, dificultando a mobilidade social e a inclusão plena na sociedade contemporânea.

Além disso, a falta de acesso e habilidades para utilizar as TIC pode restringir o acesso a informações essenciais, serviços públicos, oportunidades educacionais e participação política. Van Dijk alerta:

A exclusão digital pode levar a uma forma moderna de analfabetismo, onde os indivíduos são incapazes de participar plenamente da sociedade da informação. Isso não apenas limita suas oportunidades pessoais, mas também afeta o desenvolvimento social e econômico da sociedade como um todo (VAN DIJK, 2005, p. 34).

Para enfrentar esses desafios, é necessário adotar políticas públicas e iniciativas que promovam a inclusão digital de maneira abrangente. Isso inclui investimentos em infraestrutura tecnológica, programas de alfabetização digital, desenvolvimento de conteúdos relevantes e acessíveis, além de abordagens que considerem as necessidades específicas de diferentes grupos sociais.

Em suma, a discussão sobre desigualdades digitais e exclusão social revela a importância de abordar a divisão digital de maneira abrangente, considerando fatores técnicos, sociais e culturais. As contribuições de Jan van Dijk e Mark Warschauer destacam que a inclusão digital é essencial para a promoção da equidade social e para o empoderamento dos indivíduos na sociedade contemporânea. A implementação de estratégias integradas que abordem as múltiplas dimensões da exclusão digital é fundamental para assegurar que os benefícios das tecnologias da informação sejam acessíveis a todos.

2.3 MOVIMENTOS SOCIAIS DIGITAIS E ATIVISMO EM REDE

4

A emergência das tecnologias digitais e das redes sociais revolucionou a forma como os movimentos sociais se organizam, mobilizam e exercem influência. O ativismo em rede tornou-se uma característica marcante dos movimentos contemporâneos, permitindo que causas ganhem visibilidade global em curto espaço de tempo. Autores como Manuel Castells e Zeynep Tufekci oferecem análises profundas sobre as dinâmicas e estratégias desses movimentos, destacando seus impactos na sociedade atual.

Manuel Castells (2015) explora o conceito de “espaço de fluxos” e como a comunicação em rede permite a formação de identidades coletivas e a coordenação de ações em escala global. Ele argumenta que os movimentos sociais digitais são capazes de desafiar estruturas de poder estabelecidas ao mobilizar indivíduos conectados pela internet, criando novas formas de participação política e engajamento cívico. Castells obser-

va que a autonomia comunicativa proporcionada pelas redes digitais permite que os movimentos sociais controlem sua própria narrativa, sem depender dos meios de comunicação tradicionais.

Zeynep Tufekci (2017) aprofunda essa discussão ao analisar como as plataformas de mídia social influenciam a capacidade dos movimentos sociais de se organizarem e alcançarem audiências amplas. Ela destaca que, embora as redes sociais facilitem a mobilização rápida e massiva, elas também apresentam desafios em termos de sustentabilidade e organização a longo prazo. Tufekci aponta que a ausência de estruturas hierárquicas claras pode dificultar a tomada de decisões e a implementação de estratégias consistentes pelos movimentos.

Casos emblemáticos como o #MeToo e o Black Lives Matter ilustram o poder dos movimentos sociais digitais. O movimento #MeToo, iniciado em 2017, utilizou as redes sociais para denunciar assédios e abusos sexuais, permitindo que milhões de pessoas ao redor do mundo compartilhassem suas experiências. Esse movimento gerou debates significativos sobre gênero, poder e justiça, levando a mudanças em políticas institucionais e legislativas. O Black Lives Matter, originado em 2013, mobilizou-se contra a violência policial e o racismo sistêmico nos Estados Unidos, ganhando apoio internacional e influenciando discussões globais sobre igualdade racial.

Tufekci ressalta que esses movimentos se beneficiam da “capacidade de escala sem precedentes” proporcionada pelas plataformas digitais, mas também enfrentam o “risco de superficialidade” na mobilização, já que o engajamento online nem sempre se traduz em ações concretas e duradouras. Além disso, as plataformas digitais são controladas por empresas privadas, o que pode limitar a autonomia dos movimentos e expô-los a censura ou manipulação algorítmica.

Castells enfatiza que a “comunicação autônoma em rede” é fundamental para a formação de um novo espaço público, onde vozes antes marginalizadas podem ganhar visibilidade. No entanto, ele alerta para os desafios relacionados à fragmentação da informação e à criação de “bolhas informacionais”, que podem polarizar ainda mais a sociedade.

Em síntese, os movimentos sociais digitais representam uma evolução significativa na forma como a mobilização coletiva ocorre. As tecnologias digitais oferecem ferramentas poderosas para organização, disseminação de informações e engajamento, mas também apresentam desafios que precisam ser considerados. A análise das dinâmicas e estratégias desses movimentos, à luz das contribuições de autores como Tufekci e Castells, é essencial para compreender seu impacto na transformação social contemporânea.

2.4 GLOBALIZAÇÃO, NEOLIBERALISMO E CRISES CONTEMPORÂNEAS

A globalização e o neoliberalismo são fenômenos interligados que têm impactado profundamente as estruturas sociais contemporâneas, provocando mudanças significativas nas esferas econômica, política e cultural. Esses processos têm sido objeto de análise de diversos teóricos, entre os quais se destacam David Harvey e Saskia Sassen, que exploram as consequências sociais e espaciais resultantes dessas transformações, incluindo a precarização do trabalho e as crises econômicas recentes.

David Harvey (2005) analisa o neoliberalismo como um projeto político e econômico que busca restaurar o poder das elites econômicas, promovendo políticas de desregulamentação, privatização e redução do papel do Estado na economia. Ele argumenta que o neoliberalismo se espalhou globalmente, influenciando políticas nacionais e moldando a economia mundial. Harvey destaca que essa ideologia tem levado ao aumento das desigualdades sociais e à concentração de riqueza nas mãos de poucos, enquanto a maioria enfrenta condições de trabalho cada vez mais precárias.

A precarização do trabalho é um dos efeitos mais notáveis do neoliberalismo. Harvey observa que a flexibilização das relações laborais, promovida como uma forma de aumentar a eficiência e a competitividade, resultou na insegurança no emprego, salários baixos e perda de benefícios trabalhistas. Essa condição afeta não apenas o bem-estar dos trabalhadores, mas também a coesão social, ao exacerbar as desigualdades e reduzir a mobilidade social.

Saskia Sassen (2001) contribui para a compreensão desses processos ao explorar o conceito de “cidades globais”. Ela analisa como a globalização econômica reconfigura o espaço urbano, concentrando funções financeiras e de serviços avançados em cidades específicas que se tornam centros de poder econômico global. Sassen argumenta que essa concentração gera desigualdades espaciais e sociais dentro das cidades, onde áreas privilegiadas coexistem com regiões marcadas pela pobreza e exclusão social.

Além disso, Sassen destaca que a globalização e o neoliberalismo promovem a migração internacional, tanto de mão de obra especializada quanto de trabalhadores de baixa qualificação. Esses movimentos popula-

cionais são influenciados pelas demandas do mercado global e pelas disparidades econômicas entre países. A migração, por sua vez, contribui para a diversificação cultural das cidades globais, mas também pode levar a tensões sociais e políticas em decorrência de políticas migratórias restritivas e da xenofobia.

As crises econômicas recentes, como a crise financeira de 2008, são analisadas por Harvey como manifestações das contradições internas do neoliberalismo. Ele argumenta que a desregulamentação dos mercados financeiros, uma característica central das políticas neoliberais, criou condições para a formação de bolhas especulativas e instabilidade econômica. As consequências dessas crises são sentidas globalmente, com impactos negativos sobre o emprego, renda e serviços públicos, afetando principalmente os grupos mais vulneráveis.

Sassen também explora como as crises econômicas afetam as estruturas sociais, enfatizando que os efeitos são desiguais e frequentemente aprofundam as disparidades existentes. Ela observa que as respostas políticas às crises tendem a priorizar a estabilidade dos mercados financeiros em detrimento das necessidades sociais, resultando em cortes de gastos públicos e austeridade fiscal que prejudicam os serviços essenciais e o bem-estar da população.

Em síntese, as análises de David Harvey e Saskia Sassen revelam que a globalização e o neoliberalismo têm impactos profundos e multifacetados nas estruturas sociais contemporâneas. A precarização do trabalho, as desigualdades econômicas e espaciais e as crises recorrentes são consequências de políticas que favorecem a liberalização dos mercados e a redução da intervenção estatal. Compreender essas dinâmicas é fundamental para discutir alternativas que promovam a justiça social, a equidade e a sustentabilidade econômica.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar as transformações sociais na era digital, com ênfase nas novas formas de desigualdades e no papel dos movimentos sociais digitais no contexto da globalização e do neoliberalismo. A partir de uma revisão teórica abrangente, fundamentada em autores como Manuel Castells, Jan van Dijk, Mark Warschauer, Zeynep Tufekci, David Harvey e Saskia Sassen, buscou-se compreender como as tecnologias digitais reconfiguram as interações sociais, econômicas e culturais, bem como as implicações desses processos para a sociedade contemporânea.

As pesquisas realizadas permitiram constatar que a sociedade em rede, impulsionada pelas tecnologias digitais, trouxe mudanças significativas nas formas de comunicação e organização social. Contudo, evidenciou-se que essas inovações tecnológicas também intensificaram desigualdades existentes e criaram novas formas de exclusão social. A análise das desigualdades digitais demonstrou que o acesso desigual às TIC não apenas reflete, mas também amplifica as disparidades socioeconômicas, limitando oportunidades de educação, emprego e participação cívica para grupos já marginalizados. Autores como van Dijk e Warschauer destacam a necessidade de abordagens integradas que considerem fatores técnicos, sociais e culturais para promover a inclusão digital efetiva.

No que tange aos movimentos sociais digitais, observou-se que o ativismo em rede emergiu como uma poderosa ferramenta de mobilização e engajamento político. Movimentos como o #MeToo e o Black Lives Matter ilustram como as plataformas digitais podem amplificar vozes antes silenciadas e influenciar agendas políticas e sociais. No entanto, também foram identificados desafios relacionados à sustentabilidade e eficácia a longo prazo desses movimentos, conforme apontado por Tufekci e Castells. Além disso, a influência do neoliberalismo e da globalização nas estruturas sociais contemporâneas, discutida por Harvey e Sassen, revelou que esses processos têm contribuído para a precarização do trabalho, o aumento das desigualdades e a ocorrência de crises econômicas que afetam desproporcionalmente os grupos mais vulneráveis.

Conclui-se que, através da revisão teórica e da análise crítica dos conceitos apresentados, foi possível compreender as complexas dinâmicas que caracterizam a sociedade em rede e os desafios impostos pelas desigualdades digitais e pelo contexto socioeconômico atual. O problema de pesquisa, que buscava investigar como as tecnologias digitais afetam as relações sociais e contribuem para a perpetuação ou mitigação das desigualdades, foi abordado de forma abrangente. Embora não se possa afirmar que o problema foi completamente resolvido, foram identificadas direções promissoras para a promoção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Diante dos achados, torna-se evidente a importância de políticas públicas e iniciativas que visem à redução das desigualdades digitais, promovendo a inclusão e o empoderamento dos indivíduos através das TIC. Além disso, o fortalecimento dos movimentos sociais digitais e a compreensão de seus desafios podem potencializar seu impacto na promoção de mudanças sociais. Futuras pesquisas podem aprofundar a investigação



sobre estratégias eficazes de inclusão digital e a análise de casos específicos de movimentos sociais, contribuindo para o desenvolvimento de soluções que enfrentem as complexas questões da era digital. A sociologia, assim, reafirma seu papel crucial na compreensão e transformação das realidades sociais contemporâneas.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **A Sociedade em Rede**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (Vol. 1 de “A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura”).

_____. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na Era da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 2005.

SASSEN, Saskia. **A Cidade Global: Nova Iorque, Londres, Tóquio**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TUFEKCI, Zeynep. **Twitter and Tear Gas: The Power and Fragility of Networked Protest**. New Haven: Yale University Press, 2017.

VAN DIJK, Jan A. G. M. **The Deepening Divide: Inequality in the Information Society**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005.

WARSCHAUER, Mark. **Technology and Social Inclusion: Rethinking the Digital Divide**. Cambridge: MIT Press, 2003.